



## POVOS INDÍGENAS E A PSICOLOGIA DO BEM VIVER

Ketlen Lima de Souza Apurinã<sup>1</sup>  
José Ruy do Nascimento Xokó<sup>2</sup>  
Aline Andréia Nicolli<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este trabalho apresenta um relato de experiência de um Curso de Extensão intitulado: Uma imersão multidisciplinar na história e na cultura dos povos indígenas no contexto da Amazônia, do Brasil e da América Latina que foi desenvolvido nos meses de novembro e dezembro de 2022 e janeiro de 2023, em 12 encontros desenvolvidos no âmbito da indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão do Programa de Educação Tutorial, mais especificamente, do Grupo Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, da Universidade Federal do Acre. O último encontro, a que este relato se refere, abordou questões sobre Os Povos Indígenas e a Psicologia do Bem Viver, a partir das leituras de Krenak (2021), Acosta (2016), Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (2010, 2016), Jornal Porantim (2015) e Suess (2017). Dessa forma, acreditamos que aos participantes foi possível a compreensão de que existe uma construção em dois eixos: o Bem Viver para todos, combate de classe e privilégios e o Bem Viver para sempre com memórias, histórias, não apenas dos sobreviventes e vencedores, mas aquele que dá voz e ouvidos aos construtores de um mundo sem vencidos e vencedores.

**Palavras-chave:** Povos Indígenas; Bem Viver; Psicologia.

### INDIGENOUS PEOPLES AND THE PSYCHOLOGY OF THE WELL LIVING

**ABSTRACT:** This work intends to present an experience report in the extension course entitled: A multidisciplinary immersion in the history and culture of indigenous peoples in the context of the Amazon, Brazil and Latin America that was developed in the months of November and December 2022 and January 2023, in 12 meetings developed within the scope of the inseparability of Teaching activities, Research and Extension of the Tutorial Education Program, more specifically, of the Grupo Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas from Federal University of Acre (Ufac). The last meeting, to which this report refers, addressed questions about "Indigenous Peoples and the Psychology of the Well Living" from the readings of Ailton Krenak (2021), Alberto Acosta (2016), Regional Council of Psychology of São Paulo (2010, 2016), Jornal Porantim (2015) and Paulo Suess (2017). In this way, we believe that the participants were able to understand that there is a construction in two axes: the Well Living for all, class combat and privileges and the Good Living forever that is the Good Living with memories, stories, not only of the survivors and winners, but of the Well Living that gives voice and ears to the vanquished builders of a world without losers and winners.

**Keywords:** Indigenous Peoples; Well Living; Psychology.

<sup>1</sup> Petiana voluntária no Grupo Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, Graduanda em Psicologia, Universidade Federal do Acre, Ufac, pet.conexind@ufac.br.

<sup>2</sup> Petiano no Grupo Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, Graduando em Psicologia, Universidade Federal do Acre, Ufac.

<sup>3</sup> Tutora do Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, Doutora em Educação, Centro de Educação, Letras e Artes, Universidade Federal do Acre, Ufac.



## INTRODUÇÃO

Este texto apresenta o relato de uma experiência desenvolvida no contexto das ações indissociabilidade dos princípios de ensino, pesquisa e extensão do Grupo PET (Programa de Educação Tutorial) Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, da Universidade Federal do Acre (UFAC) em parceria com o Neabi/Ufac (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas). A ação a qual nos referimos caracterizou-se como um curso de extensão intitulado: Uma imersão multidisciplinar na história e na cultura dos povos indígenas no contexto da Amazônia, do Brasil e da América Latina que foi desenvolvido em 2022 e janeiro de 2023, em 12 encontros. Um dos encontros, o último, abordou questões sobre “Os Povos Indígenas e a Psicologia do Bem Viver” e é sobre essa temática que iremos nos debruçar a partir de agora. Nosso objetivo era o de problematizar coletivamente o conceito do Bem Viver, de forma que os participantes pudessem compreender as diferenças de como Bem Viver se apresenta para os Povos Indígenas e para os Povos não Indígenas.

Dessa forma, considerando nosso percurso formativo e as possibilidades de contribuição com a ação, optamos por oferecer um encontro sobre o Bem Viver. A nossa escolha se pautou no fato de que somos estudantes do curso de Bacharelado em Psicologia e, por isso, de alguma forma, estamos há algum tempo pesquisando sobre o tema.

## METODOLOGIA

Como anunciado, anteriormente, este texto apresenta o relato de uma experiência. Para tanto, trata-se de um trabalho bibliográfico, por meio do qual indicaremos a seguir, de forma detalhada, a nossa caminhada no planejamento e execução da atividade. Assim sendo, iniciamos abordando o conceito de Bem Viver apresentado e defendido por Alberto Acosta (2016), pelo Conselho Regional de Psicologia do Estado de São Paulo (2010, 2016), no “Encarte Pedagógico X: o Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade”, uma publicação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) (2015) em dezembro de 2015 e em “O Bem Viver dos Povos Indígenas: crítica sistêmica e proposta alternativa para um mundo pós capitalista”, de autoria de Paulo Suess (2017).

O passo seguinte foi realizar a definição da metodologia de trabalho que utilizaríamos no dia do encontro. Consideramos a utilização de diferentes materiais, disparadores para discussão/reflexão, como também, a importância do sequenciamento das ações do encontro. Pensamos na organização da turma em dois grupos para que cada um pudesse realizar a confecção de um cartaz com recortes de revista. Um grupo faria um cartaz sobre o que seus membros entendem como Bem Viver e o outro sobre o que o grupo não entende como sendo o Bem Viver. Acreditamos que, a partir dessa atividade inicial, conseguimos construir coletivamente um debate acerca da temática. Além disso, realizamos um levantamento de vídeos no Youtube até descobrirmos uma live do Ailton Krenak que foi transformada em livro, com o título de “Caminhos para cultura do Bem Viver”, de 2021. Como reproduzir a live não era uma opção interessante, por ter mais de uma hora e não promover tanta interação entre os participantes, optamos pela utilização do livro.



Optamos então por, num segundo momento, organizar a turma em 10 grupos. Com essa divisão, cada grupo fez a leitura, e depois a socialização, do capítulo que estava sob sua responsabilidade. Depois de finalizarmos a socialização de todos os textos e apresentarmos o material complementar reproduzimos o vídeo do Daniel Munduruku, “Reflexões sobre o Bem Viver: presente”, como outra complementação do que foi conversado, incluindo dessa maneira, outra pessoa indígena, de outro povo que igualmente constrói/ocupa espaços para luta indígena na sociedade brasileira.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O livro “Caminhos para cultura do Bem Viver”, de 2021, apresenta 10 capítulos. No capítulo “Conexão”, o autor expressa a importância de realizarmos a experiência sensorial com o espaço que estamos inseridos para não vivermos no automático. O capítulo “A origem do Bem Viver” indica seu início a partir dos povos Quechua e Aimara que vivem na Cordilheira dos Andes. A Cordilheira dos Andes foi colonizada por falantes de língua espanhola, e, nesse sentido, a palavra que conhecemos em português como Bem Viver, é uma tradução de “*Buen Vivir*”, que por sua vez, é uma aproximação da expressão *Sumak Kausai* que os povos citados acima também compartilham.

No capítulo que segue, “O que não é o Bem Viver” tem-se a diferenciação do que é Bem Viver, *Buen Vivir* e *Sumak Kausai*. Aqui o autor introduz outro conceito, o Bem-Estar Social, também chamado de Viver Bem. Ele explica que quanto mais se faz traduções/distanciamento daquilo que os povos andinos acreditam como *Sumak Kausai* mais *Buen Vivir*/Bem Viver se transforma em elementos ocidentais e sofre um esvaziamento. Para exemplificar, fala da experiência do Bem-Estar Social criado na Europa, no qual o Estado é o agente da promoção social e organizador da economia com a intenção de distribuir riquezas para todos, o que não foi possível e se restringe a países muito ricos. Já o *Buen Vivir*/Bem Viver quando não esvaziado de sentido/significado “pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. Pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos”. (KRENAK, 2021, p. 8-9).

No quarto capítulo o autor afirma, de maneira quase poética, que os “Rios Voadores” como o Bem Viver voaram dos Andes para “cá” [Mata Atlântica, bioma em que Krenak está inserido]. Da mesma forma voam para transportar vapor, oxigênio e água da Amazônia para a região sul do continente.

A discussão seguinte gira em torno da “Ideia de natureza”. O autor tece uma crítica em relação à ciência e a tecnologia que mesmo sendo usadas para reduzir algum dano, elas ainda têm o propósito de “aumentar a capacidade de exaurir esse organismo vivo”, o planeta. (KRENAK, 2021). A compreensão do *Sumak Kausai*/*Buen Vivir*/Bem Viver entende que o ser humano faz parte da ecologia planetária, nosso corpo é um elemento de equilíbrio e regulador.

No próximo capítulo, “Terra como organismo vivo”, o planeta é tratado como um organismo vivo – Gaia. Cada povo constrói uma cosmovisão, narrativas sobre a criação do mundo e em muitas culturas indígenas a criação do humano se dá na Terra, dentro dela e não fora. Em “Educação e Bem Viver”, Krenak (2021) tece uma crítica aos sistemas educacionais, que são os mesmos em todos os países. Indica ainda que os educadores terão que buscar outras perspectivas e possibilidades de engajar a rede familiar das crianças e dos adolescentes se quiserem parar de formar



profissionais/técnicos para operacionalizar o sistema, mas sim formar seres humanos para habitar uma terra viva. Criar corpos vivos para uma Terra igualmente viva para que todos possam experimentar o Bem Viver. No capítulo "Pandemia" descreve a transformação de "lugares maravilhosos" em sucata. Ou seja, compartilha a ideia de uma relação à Covid-19 e a destruição da Terra. O autor entende que Gaia, fazendo uso de sua inteligência, desligou milhões de humanos para que possamos entender o recado e os riscos de extinção.

No capítulo seguinte "Ser Krenak" conta a experiência de ser uma pessoa do povo Krenak a partir da constituição coletiva, um sentimento, uma responsabilidade social com o outro, uma forma de cidadania que "implica uma filiação com diferentes potências da vida aqui na Terra" (Krenak, 2021, p. 25). As culturas indígenas podem dar pistas para o Bem Viver, de como todos podem viver de forma criativa desde que as pessoas estabelecem uma relação com a natureza. Por fim, ainda pontua de maneira interessante que existem pessoas que gostam de conversar com carros, os Krenak conversam com rios e montanhas.

No último capítulo "Nossos ancestrais" problematiza o fato de que os ancestrais não são apenas uma geração passada, mas uma corrente de seres que já passaram na terra e que construíram as culturas, os ritos, as práticas, as tradições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ter evidenciado aos estudantes, que estiveram participando do encontro, uma discussão inicial sobre a temática do Bem Viver, de sua origem dos povos andinos (Quechua, Aimara) às aproximações de significado com povos indígenas brasileiros. O Bem Viver atravessa diversas dimensões do ser humano, e se choca com a perspectiva ocidental capitalista colonial por entender que o ser humano é Terra e que ao destruí-la todos morremos. Ele compreende outros mundos possíveis que ainda resistem à colonização dos corpos e mentalidades e indica que há dois tipos de dor nesse mundo: a que machuca e a que modifica. Desde o início do processo colonizador que os povos indígenas sofrem, no Brasil, com essas duas dores e cada vez mais a situação vem se agravando, pois a falta de intencionalmente em preservar relações de respeito e a valorização da cultura alheia faz com que a imposição de interesses colonizadores de cunho político, cultural e social alterem as formas de vida dos Povos Originários da América e resultam nas dores que os machucam e os modificam. Mais de quinhentos anos se passaram, na história do Brasil, e poucas ações efetivas foram instituídas, principalmente, pelo poder público, de forma a alterar o cenário.

Muito se perdeu. Os livros de história não deixam dúvida, é incontestável, indiscutível. Os povos indígenas têm vivido de forma invisível ante a existência de uma sociedade que desconhece o Bem Viver Indígena, mas vive de forma desenfreada o bem-estar capitalista, um fenômeno patológico. Por isso, o Bem Viver Indígena é um ato revolucionário, é um conhecer das origens para compreender a razão da preservação e do resgate de valores perdidos/silenciados, tais como costumes, a ordem formal e explícita, as regras e preceitos, os ensinamentos culturais e morais, as virtudes e as leis da sociedade e a espiritualidade.

Por fim, para nós, indígenas, a filosofia e a prática do Bem Viver provêm de uma proposta ancestral de complementaridade, harmonia e reciprocidade entre os povos, a natureza e todos os povos, seres que dela fazem parte contrapondo-se a concepção capitalista do viver melhor, em termos de consumo. Assumindo a postura



teórica da psicologia social de base histórico-cultural que considera a afetividade uma característica desestabilizadora, de análise da realidade social, que remete ao compromisso ético-político do bem comum, encontramos convergências entre esses conceitos em nosso contato com os povos indígenas. Solidariedade, reciprocidade, responsabilidade e integralidade são princípios do Bem Viver. Por isso, a cultura do “Bem Viver” é uma proposta que exige a mudança de mentalidade e práticas trazendo ao centro da questão os bens comuns; os bens que são de toda coletividade. O “Bem Viver” tem como pressuposto o compartilhamento dos bens comuns, como condição de vida, pois para os indígenas, a vida é o reencontro do sentido simples de viver.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BONIN, Iara. **Encarte pedagógico X**: o Bem Viver indígena e o futuro da humanidade. Porantim: em defesa da causa indígena. Conselho Indigenista Missionário. Dez 2015. Disponível em: [https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Porantim381\\_Dez\\_Encarte-2015.pdf](https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Porantim381_Dez_Encarte-2015.pdf). Acesso em: 11 nov. 2022.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Psicologia e povos indígenas**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. São Paulo: CRP SP, 2010. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/povos/povos/livro.pdf>. Acesso em: 09 nov 2022.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Povos indígenas e psicologia**: a procura do bem viver. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. São Paulo: CRP SP, 2016. Disponível em: [https://www.crpsp.org/uploads/impresso/110/RLAg\\_HX8E6bm0fVjb2gpgCkrelBkTy0W.pdf](https://www.crpsp.org/uploads/impresso/110/RLAg_HX8E6bm0fVjb2gpgCkrelBkTy0W.pdf). Acesso em: 08 nov 2022.

KRENAK, Ailton. **Ailton Krenak**: O Bem Viver e o sentido da natureza. Mediação: Bruno Maia e Nina Arouca. Youtube, 17 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XS5A5w14kGo>. Acesso em: 03 jan. 2023.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. São Paulo, Cultura do Bem Viver, 2021. Disponível em: <https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SUESS, Paulo. **O bem viver dos povos indígenas**: crítica sistêmica e proposta alternativa para um mundo pós-capitalista. In: XIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO “Em busca do Bem Comum: política e economia nas sociedades contemporâneas”, 13., 2017, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos** [...] Belo Horizonte: FAJE, 2017. p. 01-53. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/simposio2017/arquivos/seminarios/O%20bem%20viver%20dos%20povos%20indigenas%20Paulo%20Suess.pdf>